

CULTURA CORPORAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

CULTURA DEL CUERPO EN EL PROCESO DE FORMACIÓN DE PROFESORES: DEL CURSO DE LICENCIAMIENTO EN EDUCACIÓN DEL ÁMBITO DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

BODY CULTURE IN THE PROCESS OF TRAINING TEACHERS OF THE LICENSING: COURSE IN EDUCATION OF THE FIELD OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF MATO GROSSO DO SUL

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.48070>

Jorge d'Ávila¹

Christiane Caetano Fernandes²

Resumo: Esse artigo, a partir das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, discute a Cultura Corporal no processo de formação de professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCMPO) oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sinalizando para o impacto que essa abordagem teórico-metodológica pode exercer nas escolas do campo com vistas à construção de uma educação vinculada ao pensamento coletivo na busca da superação do modo de produção capitalista que sucumbe o homem e a natureza em prol do desenfreado acúmulo do capital, transformando em mercadoria descartável tudo o que pode gerar lucros extraordinários ao capitalista. Consideramos que a Linguagem Corporal entendida a luz da teoria que embasa o entendimento da Cultura Corporal contribui de maneira significativa para mudanças de paradigmas nas escolas do campo brasileiro.

Palavras-chave: Cultura Corporal. Linguagem Corporal. Educação do Campo. Escola do campo. Formação de professores

Resumen: Este artículo, basado en las técnicas de investigación bibliográfica y documental, discute la Cultura Corporal en el proceso de formación docente para la Licenciatura en Educación Rural (LEDUCMPO) que imparte la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), señalando para la impacto que este enfoque teórico-metodológico puede tener en las escuelas rurales con miras a construir una educación ligada al pensamiento colectivo en la búsqueda de superar el modo de producción capitalista que sucumbe al hombre y la naturaleza en favor de la acumulación desenfrenada de capital, transformándolo en mercancía desechable cualquier cosa que pueda generar beneficios extraordinarios para el capitalista. Creemos que el lenguaje corporal entendido a la luz de la teoría que subyace en la comprensión de la Cultura Corporal contribuye significativamente a los cambios de paradigma en las escuelas del campo brasileño.

Palabras-clave: Cultura Corporal. Language corporal. Educación rural. Formación de profesores. Escuela de campo.

Abstract: This article, based on the techniques of bibliographic and documentary research, discusses Corporal Culture in the process of teacher training for the Degree Course in Rural Education (LEDUCMPO) offered by the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS), signaling for the impact that this theoretical-methodological approach can have on rural schools with a view to building an education linked to collective thinking in the search to overcome the capitalist mode of production that succumbs man and nature in favor of the unbridled accumulation of capital, transforming it into disposable merchandise anything that can generate extraordinary profits for the capitalist. We believe that Body Language understood in the light of the theory that underlies the understanding of Body Culture contributes significantly to paradigm changes in schools in the Brazilian countryside.

Keywords: Corporal Culture. Body language. Rural Education. teacher training. country school

Introdução

Esse artigo, a partir das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, discute a Cultura Corporal³ no processo de formação de professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCAMPO) oferecido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sinalizando para o impacto que essa abordagem teórico-metodológica pode exercer nas escolas do campo com vistas a construção de uma educação vinculada ao pensamento coletivo na busca da superação do modo de produção capitalista que sucumbe o homem e a natureza em prol do desenfreado acúmulo do capital, transformando em mercadoria descartável tudo o que pode gerar lucros extraordinários ao capitalista.

Destacamos que recorrer as técnicas anteriormente citadas, não se trata de singularizá-las “apenas à condição de procedimento metodológico, mas orientadas pelo confronto dos discursos, na busca de evidências que permitam confrontar o objeto com modelos teóricos de interpretação da realidade preconizados por autores dedicados às áreas de interesse.” (FERNANDES, 2020, p. 35).

A LEDUCAMPO é um curso regular da UFMS, instituído no ano de 2013 após chamada do Ministério da Educação (MEC), por meio do Edital n. 2 de 31 de agosto de 2012, em cumprimento à Resolução CNE/CEB n. 1 de 3 de abril de 2002 e ao Decreto n. 7.352 de 4 de novembro de 2010.

A necessidade da implantação dessa licenciatura decorre das características rurais do estado de Mato Grosso do Sul (MS), no que tange a ampliação dos debates a respeito da Educação Básica do Campo e, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da LEDUCAMPO, “[...] pelas resistências encontradas para a sua implantação/implementação, provocadas pelas marcas da concentração da propriedade da terra e de violentos conflitos nos campos sul-mato-grossenses (UFMS/LEDUCAMPO, 2014, p.03).

Isso posto, a LEDUCAMPO estabelece relação com a luta dos movimentos sociais camponeses referentes à reforma agrária bem como, pela busca constante da transformação da lógica capitalista do agronegócio, onde predomina o trabalho assalariado e a intensificação da exploração da força de trabalho aliado ao incentivo da política do êxodo rural. Essa situação leva a negação do modelo da escola rural, precária, multisseriada oferecida pelo Estado, onde a prática pedagógica do professor é alheia a realidade da vida do campo. Um pensamento pedagógico que prima pelo trabalho manual em oposição ao trabalho intelectual.

Pedagogicamente, a LEDUCAMPO se organiza em regime de Alternância, subdividindo-se em Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC). Tem como objetivo formar professores para atuar nas escolas do campo e sua matriz curricular desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares nas áreas de Ciências Humanas e Sociais ou Linguagens e Códigos ou Matemática, superando a organização curricular por disciplinas. (UFMS/LEDUCAMPO, 2014).

Na área Linguagens e Códigos, inserem-se discussões acerca da Linguagem Corporal a partir de estudos sobre Corpo; Práticas corporais; Corporeidade e a formação humana no campo; Experiências corporais e reflexão das dimensões da corporeidade: sensibilidade, motricidade, emoção, expressão, comunicação, criatividade, consciência, toque, respiração; Novos paradigmas em educação e corporeidade: educação integral holística, paradigmas ecológicos, abordagens sócio-históricas e Corporeidade e educação.

Face ao exposto, os debates a respeito da Cultura Corporal são realizadas na disciplina Linguagem Corporal, com o intuito de desenvolver o senso crítico referente a padronização do corpo difundido pela indústria cultural e incorporada pela sociedade, bem como levantar considerações a respeito de como a mídia pode influenciar na construção de uma imagem corporal adequada.

A Cultura Corporal faz parte da epistemologia da Educação Física, disciplina escolar, que se configura com temas e atividades corporais, a saber: Jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas, acrobacias, mímicas entre outras, identificadas como representação simbólica da realidade vivenciadas pelo ser humano, “historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas”. (SOARES et.al, 1992, p. 38). Esse pensamento cultural abarca a produção de práticas expressivas e comunicativas, essencialmente subjetivas que se manifestam pela expressão corporal. (ESCOBAR, 1993).

Como objeto de estudo da Educação Física, a cultura corporal está próxima da concepção crítico-superadora, de base marxista que, ancorada na Pedagogia Histórico-Crítica⁴ (SAVIANI, 2011), propõe um ensino imerso nos interesses da classe trabalhadora.

Esse conhecimento é passado aos acadêmicos da LEDUCAMPO com o propósito de apreender a expressão corporal como linguagem que valorize o coletivo sobre o individual, que defenda o compromisso com a solidariedade e o respeito humanos. Em outras palavras, “[...] a ideia passa a ser fazer o aluno problematizar a realidade social, política e econômica e, assim, propor mudanças sociais” (FERNANDES, 2020, p. 155).

Importa dizer que o homem se apropria da Cultura Corporal

[...] dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de ‘significações objetivas’. Em face delas, ele desenvolve um ‘sentido pessoal’ que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações. (SOARES, et.al, 1992, p. 62, grifo dos autores).

É de suma importância que o futuro professor da LEDUCAMPO compreenda a história da humanidade em relação à cultura corporal. Assim, “é preciso que o aluno entenda que o homem não

nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando, etc.” (SOARES, et.al, 1992, p. 38). Essas atividades corporais ocorreram em determinadas épocas, para atender as necessidades de sobrevivência da humanidade.

Cultura corporal na leducampo: elementos para o debate

A partir do discurso legitimador e da pedagogia histórico-crítica⁵, incorpora-se uma nova abordagem teórico-metodológica na Educação Física denominada Crítico-Superadora, cujo objeto de estudo é a cultura corporal, empregando novos conceitos acerca do ensino na escola como, por exemplo, seus fundamentos, objetivos, metodologias e conteúdos, considerando para sua seleção a relevância social, a contemporaneidade e a adequação às características sociocognitivas dos alunos. Isso leva à interpretação da realidade sob a perspectiva da classe trabalhadora, de forma a compreender que as sociedades, divididas em classes antagônicas (trabalhadora e proprietária), lutam, cada qual por seus interesses (FERNANDES, 2020).

Segundo essa abordagem, “[...] não basta que o aluno reconheça a divisão social, uma vez que se faz necessário apreender elementos que o possibilitem sair da condição de exploração rumo à emancipação e, entre tais elementos, destaca-se o saber sistematizado” (FERNANDES, 2020, p. 63).

Por meio da cultura corporal dialogamos com os acadêmicos da LEDUCAMPO no sentido de elaborar um pensamento de caráter crítico transformador rumo a liberdade plena, sem incorrer na enganosa forma essencialmente limitada, parcial e equivocada da liberdade burguesa, ou seja, liberdade pautada nas relações burguesas desta sociedade. Em outras palavras, o diálogo proposto, tem como objetivo fazê-los “[...] pensar além de uma perspectiva pragmático-economicista de educação que privilegia o saber instrumental com vistas ao trabalho no sentido produtivo” (BRACHT, 2003, p. 148).

Essa sociedade constituída historicamente, caracteriza-se pelo antagonismo de classes, distinguindo-se essas classes entre possuidores do capital e dos meios de produção que por meio da compra da força de trabalho acumulam riquezas privadas, e em possuidores da força de trabalho, sua única propriedade, vendendo-a como mercadoria na busca pela sobrevivência. Interessa dizer que historicamente a linguagem corporal traz no processo de formação humana, as determinações e contradições das sociedades que antecederam o capitalismo.

No período greco-romano a atividade física era pautada no cultivo de exercício físico de forma a possibilitar o pleno desenvolvimento das faculdades espirituais, praticada por razões utilitárias, guerreiras ou ritualísticas, na sociedade feudal. Foi marcada pela dualidade do ser social (corpo e alma), firmada nos dogmas da Igreja que tinha como prioridade a conquista da vida celestial, desprezando a vida material. Com o advento do capitalismo assume a característica de preparação do corpo para a formação do cidadão moderno, aquele que vende a sua força de trabalho para acumulação da riqueza privada (DAVILA, PANIAGO, 2011).

Vale reforçar que a cultura corporal é tratada na LEDUCAMPO sob o entendimento de uma pedagogia emergente a favor da educação dos filhos dos trabalhadores camponeses, uma “pedagogia social” ligada ao desenvolvimento dos fenômenos sociais, de maneira a propiciar ao acadêmico a compreensão de que os problemas educacionais não podem ser abstraídos da totalidade como forma de apreender a realidade nas suas contradições, compreendo-a em suas relações sociais, revelando dialeticamente suas conexões internas. A totalidade não é um todo pré-estabelecido “[...] determinado e determinante das partes, não é uma harmonia simples, pois não existe uma totalidade acabada, mas um processo de totalização a partir das relações de produção e de suas contradições” (CURY, 2000, p. 35).

Na perspectiva da LEDUCAMPO da UFMS, os estudos a respeito do movimento humano buscam superar os interesses imediatos da burguesia e a lógica de acumular capital, gerar mais valia, incentivar o consumo, manter a propriedade privada e a luta para se manter no poder e garantir os privilégios e a qualidade de vida, diferente da classe trabalhadora, que foi conquistada por meio desses privilégios. A classe dominante

[...] luta pela manutenção do status quo. Não pretende transformar a sociedade brasileira, nem abrir mão de seus privilégios enquanto classe social. Por isso, desenvolve determinadas formas de consciência social (ideologia), que veicula seus interesses, seus valores, sua ética e sua moral como universais, inerentes a qualquer indivíduo, independente da sua origem ou posição de classe social. Ela detém a direção da sociedade: a direção política intelectual e moral. (SOARES, et.al, 1992, p. 24).

Os fundamentos teóricos metodológicos dessa licenciatura estão aliados aos interesses históricos dos trabalhadores pela busca da condução da sociedade com a perspectiva de construir uma hegemonia popular, sendo a cultura corporal, uma das possibilidades teórico/prática a serviço da transformação social, onde os trabalhadores possam ter acesso aos resultados do seu trabalho.

O processo de trabalho [...] é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais (MARX, 1998, p. 146).

Na esteira desse debate, os professores da LEDUCAMPO, devem ofertar aos acadêmicos condições para experimentarem diferentes manifestações corporais, com a finalidade de entender como estão presentes na sociedade, bem como analisar os motivos pelos quais determinadas manifestações são privilegiadas socialmente, em detrimento de outras. Conforme Fernandes (2020) é relevante, ainda, que apreendam e façam uso do acervo da Cultura Corporal, de forma a oportunizar sua relação com a natureza, bem como possibilidades para seu desenvolvimento, uma vez que: “Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo sua própria natureza” (MARX, 1998, p. 149).

Os futuros professores do campo são levados a compreender que os interesses de classe são distintos e antagônicos. Isso nos permite salientar que a sociedade capitalista não oportuniza ao

individuo a busca por objetivos comuns, e que a ascensão social não depende unicamente do esforço e do mérito de cada ser humano isoladamente. Pensamento difundido pela elite que tem como objetivo mascarar a realidade social e a existência do conflito entre as classes sociais na busca de afirmar os interesses de cada classe.

De acordo com Soares et.al (1992) o acirramento do conflito entre as classes emerge uma crise e conseqüentemente surge uma nova pedagogia que constrói teoria, métodos e discursos sobre a prática social e a participação política dos homens na sociedade. Assim, a pedagogia é entendida na LEDUCAMPO como “[...] a reflexão e teoria da educação capaz de dar conta da complexidade, globalidade, conflitividade e especificidade de determinada prática social que é a educação” (SOUZA, 1987, p. 27).

Vale destacar que

Uma pedagogia entra em crise quando suas explicações sobre a prática social já não mais convencem aos sujeitos das diferentes classes e não correspondem aos seus interesses. Nessa crise, outras explicações pedagógicas vão sendo elaboradas para lograr o consenso (convencimento) dos sujeitos, configurando as pedagogias emergentes, aquelas em processo de desenvolvimento, cuja reflexão vincula-se à construção ou manutenção de uma hegemonia (SOARES et.al, 1992, p. 25).

O futuro professor do campo precisa compreender que a escola é uma arma ideológica da burguesia, o trabalho pedagógico proposto por essa escola visa subordinar os interesses dos trabalhadores aos interesses do capital proporcionando uma formação aligeirada, elementar e escolástica aos filhos dos trabalhadores.

Diante disso, faz-se necessário que

[...] o professor, ao trabalhar com as diferentes manifestações corporais na escola, tenha consciência do que ensina, bem como propicie formas para que os alunos problematizem tais práticas, levantando problemas para discuti-los com o objetivo de propor ações transformadoras. (AUTOR, 2020, p. 147).

A teoria expressa nessa escola dominante é usada para mascarar a luta de classe que pulsa dentro do ambiente escolar e assim, perpetuar sua condição de dominação. Essa realidade deve ser esclarecida, comentada e interpretada para, por meio da educação do campo, consolidar as conquistas que vieram por meio da mobilização do camponês pela luta da terra e pela “[...] ocupação do latifúndio educacional que rompe com as cercas da intolerância” (ROSSI; GIORGI, 2014, p.43), contribuindo assim, para a ampliação da consciência do professor em formação.

A ampliação da consciência leva a formação de um homem que se considera membro da coletividade camponesa, que luta constantemente para transformar o regime vigente, expropriador, em uma sociedade onde os homens cooperem entre si, com o intuito do nascimento de uma nova sociabilidade, marcada pelo entendimento que o individuo não pode ser considerado uma “mônada” pois, “[...] a essência humana não é uma abstração intrínseca ao individuo isolado. Em sua realidade, ela é o conjunto das relações sociais”. (MARX; ENGELS, 2007, p. 538). A essência humana é

historicamente construída pelos homens por meio das relações estabelecidas entre si, e em conjunto com a transformação da natureza para sua manutenção.

Quando o professor em formação toma consciência dessa discussão, seu entendimento por essência humana se amplia, modificando a compreensão do mundo que lhe foi passado como o único e mais adequado. É a busca incessante da compreensão do processo real dos indivíduos reais que não são apreendidos apenas pela contemplação de um fato imediato, mas procurando as suas conexões, as suas condições efetivas de vida.

Devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder 'fazer história'. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 2007, p. 32, grifo dos autores).

A luta por essa compreensão é que move as discussões referentes à cultura corporal na LEDUCAMPO, pois, entendemos que ao negar o acesso aos bens culturais, aos meios de produção da vida, estamos destruindo o homem e conseqüentemente a humanidade. Reconhecer isso é entender a especificidade da educação: ofertar condições de acesso às novas gerações de tudo o que lhes garantirá uma vida digna.

Tal processo é viável, pois, a cultura corporal contribui para a afirmação dos interesses do trabalhador camponês, pois sua metodologia é aplicada no sentido de valorizar a solidariedade em contraponto ao individualismo, a cooperação e não a disputa, distribuição confrontando com apropriação e focando na liberdade de expressão dos movimentos corporais negando a padronização corporal. (SOARES, et.al, 1992).

Para tanto, a práxis, elemento de articulação entre consciência e atividade material, meio importante no processo de aquisição do conhecimento, deveria ser a preocupação do professor ao organizar sua atividade educativa, de forma a conferir a essa ação o caráter de uma formação integral do ser humano.

A concretude do trabalho pedagógico é alcançada por meio da teoria, elemento fundante da educação que permite ao futuro educador, optar por um método de trabalho e avaliar o processo de ensino aprendizagem. “[...] O educador que não dispõe deste critério não poderá trabalhar de forma útil na escola: ele se perderá sem encontrar o caminho, sem guia, sem saber o objetivo a ser atingido”. (PISTRAK, 2000, p. 25).

O ser humano deve ser educado, como diz, Marx e Engels (2007) na terceira tese sobre Feuerbach, pois não basta teorizar sobre a emancipação humana, é necessário que a afirmação dessa perspectiva se reflita com profundidade em sua prática pedagógica. O caráter revolucionário da ação

educativa, nesse processo, é de grande importância, sem o qual todo esforço transformador será inócuo.

Assim, o acadêmico da LEDUCAMPO deve compreender como se expressa a natureza da identidade específica da cultura corporal camponesa. Para tanto, se faz indispensável romper com a ideia de que a escola do campo se constitui como uma extensão ou um apêndice das escolas urbanas e que ambas devem ser tratadas uniformemente. Importante entender também, que os alunos do campo não podem ser submetidos a ótica econômica para a garantia do direito a educação, fechando escolas do campo, inserindo-os no processo desgastante do transporte escolar rural e matriculando-os nas escolas urbanas totalmente desvinculadas da sua realidade.

Cabe salientar que a educação do campo deve ter como ponto de partida a compreensão do trabalhador rural como um sujeito histórico, constituído por determinadas e específicas sínteses sociais distintas do homem urbano. No campo se configura as lutas dos movimentos sociais que leva o homem a uma série de reflexões sobre sua cultura, sua tradição, sua mística e seus costumes. O campo é espaço com dimensões temporais independentes do calendário escolar urbano, e isso deve ser levado em consideração no momento da elaboração do PPP de cada unidade escolar.

Essa premissa está expressa na Resolução CNE/CEB n. 1, de 3 abril de 2002 que institui as Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2002, p. 1).

Esse pensamento se efetiva, quando o professor em formação toma consciência da necessidade de participar e dialogar com os segmentos responsáveis pela construção da educação do campo, tanto no âmbito do Estado como da unidade escolar, tendo como perspectiva a valorização do homem do campo e o entendimento de que esse espaço produz uma pedagogia que vai além das habilidades cognitivas, pois pauta-se em uma educação que possibilita ao educando a resolução de problemas que afetam sua vida, desenvolvendo desta forma, habilidades intelectuais e valores. Nessa ótica, o conhecimento conduz o indivíduo a valorizar o outro independente de raça, cor, condição econômica ou social. (MOREIRA, 2002).

Nesse sentido, a educação do campo deve estar fundamentada nos princípios da ontologia do ser social que considera o desenvolvimento humano como um processo histórico e não natural. Desta maneira, cabe dizer que o movimento humano vigente [...] na sociedade capitalista não é natural, mas sim um produto do desenvolvimento complexo e contraditório do ser social. Desenvolvido, provocado pelo próprio ser social, diretamente relacionado com a totalidade construída (MELLO, 2014, p.85).

O professor do campo em formação deve considerar que a Cultura Corporal se constitui em um dos complexos que acompanham todo o desenvolvimento do ser social de forma que, a

reprodução biológica deve ser entendida como a base da reprodução do ser social que se modifica histórica e socialmente. Isso só reafirma o princípio pelo qual, em qualquer forma de sociedade, os homens terão que manter o seu bom funcionamento orgânico, caso contrário, definharão ou padecerão definitivamente. (MELLO, 2014).

É preciso considerar que na sociedade capitalista, as manifestações da Cultura Corporal estão subordinadas à lógica dessa sociedade. Isso significa, conforme Mello (2014) que todas as atividades se tornam mercadoria, desde aquelas para a manutenção da saúde, a arte, as esportivas e lúdicas, até as que surgem para compensar os problemas de saúde causados pela forma como o trabalho está organizado.

O movimento humano não se expressa isoladamente, mas faz parte de uma totalidade que tem como fundamento a história da humanidade. É importante destacar que à proporção que a sociedade se modifica pelo conjunto dos homens, modifica-se também a compreensão do movimento humano, pois ele não é um produto natural, mas sim a expressão do processo histórico que tem como princípio evolutivo o seu trabalho na medida que ele é o responsável pela construção individual e social.

Considerações finais

Historicamente, a Educação do Campo e conseqüentemente o processo de formação de seus professores se caracterizam pelo esforço de superar as práticas escolares importadas da educação urbana, ação que faz parte da agenda do Estado brasileiro. É necessário compreender que o campo possui peculiaridades e especificidades distintas da realidade dos sujeitos que vivem nas cidades. Desta forma, a escola deve ser planejada para suprir as demandas de formação do campesinato que prime pelo ensino de qualidade e que valorize a cultura e sua identidade.

Assim, esse texto expôs como o processo de formação de professores da Leducampo/UFMS, no tocante a compreensão e valorização do movimento do corpo humano, se relaciona com os fundamentos teóricos e práticos da Cultura Corporal.

A Linguagem Corporal desenvolvida na licenciatura em questão, fundamenta sua prática nos princípios de superação da sociedade dividida em classes, onde a Cultura Corporal é um instrumento em defesa da classe trabalhadora. Sobretudo, essa contribuição só terá sentido se o professor em formação compreender o processo histórico da Cultura Corporal como uma das possibilidades de transformação da sociedade. É preciso ter claro que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, em resposta a determinadas necessidades humanas.

Nossa expectativa é de que os acadêmicos da Leducampo/UFMS ampliem suas reflexões sobre a Cultura Corporal, e conseqüentemente contribua para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, legitimando as afirmações de Soares. et.al. (1992) quanto aos valores de

solidariedade ao invés da individualidade, da cooperação e não da disputa, enfatizando a liberdade de movimentos, a emancipação humana, negando a dominação e subtração do homem pelo homem.

Referências:

BRACHT, V. **Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 3. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo. Parecer CNE/CEB n. 1**, 2002.

BRASIL/MEC. **Edital de Seleção n. 02/2012- SESU/SETEC/SECADI/MEC**. SESU/SETEC/SECADI/MEC. Chamada Pública para seleção de Instituições Federais de Educação Superior, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11569-minutaeditais-selecao-ifesifets-03092012&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em 20 de mar. de 2017.

BRASIL. **Decreto n. 7.352, de 4 de novembro**, 2010.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez, 2000.

D'ÁVILA, J, L; PANIAGO, M, L . Educação Física escolar: em busca de uma outra sociabilidade. **Motrivivência** (UFS), v. 23, p. 30-40, 2011.

ESCOBAR, M. O. et al. A Educação Física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, Wagner Wey (ORG.). **Educação Física & esporte: perspectivas para o século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FERNADES, C. C.M. **Os conhecimentos de educação física para os anos finais do ensino fundamental: Textos/documentos curriculares das redes estaduais de ensino do Centro-Oeste (2009-2013)**. Tese de doutorado Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. 2020.

MARX, K. ENGELS F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O Capital**. Livro Primeiro (o processo de produção do capital). São Paulo: Nova Cultural, 1998.

MELLO, R.A. **A necessidade histórica da educação física na escola: A emancipação humana como finalidade**. 1ª edição: Instituto Lukács, 2014.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, diferença cultural e diálogo. Revista: **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, 2002.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do Trabalho**. São Paulo, 2000.

ROSSI, R.; GIORGI, C. A. G. Paulo Freire e Educação do campo: Da Invasão à Ocupação Cultural para a Liberdade. Campo-Território: **Revista de geografia agrária**, v. 9, n. 17, p. 652-671, abr., 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/23424>. Acesso em 12 de set. de 2020.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SOARES C.L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, J.F. **Uma pedagogia da revolução**. São Paulo, Autores Associados, 1987.

UFMS/LEDUCAMPO. Projeto Pedagógico de Curso Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://faed.ufms.br/leducampo>. Acesso em 12 de abr. de 2020.

Notas

¹ Doutor em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Professor do curso de Educação do Campo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6747305714311135>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1798-4870> E-mail: davilajorgeluis35@gmail.com

² Doutora em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós doutoranda em educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Secretária Municipal de Educação de Campo Grande- M.S. (SEMED). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6096405296635667>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3501-853X> E-mail: davilajorgeluis35@gmail.com

³ “A ‘cultura corporal’ é uma parte do homem. É configurada por um acervo de conhecimento, socialmente construído e historicamente determinado, a partir de atividades que materializam as relações múltiplas entre experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais e os sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonistas, competitivos ou outros, relacionados à realidade, às necessidades e as motivações do homem. A Educação Física estuda o conteúdo da cultura corporal com o objetivo fundamental de explicar criticamente a especificidade histórica e cultural dessas práticas e participar de forma criativa, individual e coletiva, na construção de uma cultura popular progressiva, superadora da cultura de classes dominantes”. (SOARES, *et al.*, 1992, p. 127-128, grifo dos autores).

⁴ Para Saviani (2011) a expressão Pedagogia Histórico-Crítica “[...] traduz o empenho em compreender a questão educacional a partir do desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da Pedagogia Histórico-Crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana.” (p. 38).

⁵ No início dos anos 1980 surgiu a pedagogia histórico-crítica, na busca pela superação das pedagogias não-críticas (tradicional, escolanovista e tecnicista) e das visões crítico-reprodutivistas. (SAVIANI, 2011).

Recebido em: 10 de fev. 2022

Aprovado em: 30 de nov. 2022